

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos  
 Director de *ELECTRICIDADE*

## Também Moçambique

Chama-se José Rodrigues Telles. É engenheiro electrotécnico e vive em Moçambique, na cidade Maputo. Aí tem a sua residência. É escritório de engenheiro consultor. Nomeadamente, dá aulas na Universidade Eduardo Mondlane. Não sei quantos anos tem, mas já exhibe a cabeça toda branca. Com idade suficiente para saber quanto custam as agruras da vida. Sobretudo o desdém com que Portugal contempla Moçambique, desde a independência.

Assinante da revista *ELECTRICIDADE* desde longa data, observou-me que não encontra nestas páginas o relevo merecido à reconstrução moçambicana. E com justa razão. Em boa verdade, nunca tracei aqui o mais leve traço da engenharia electrotécnica naquele novo espaço. É certo. Mas justificado: não recebi qualquer informação acerca do que por lá se passa.

Esta foi a explicação que dei, um tanto atabalhoadamente, na fugaz conversa que tivemos, por ocasião da sua participação nas 6<sup>as</sup> Jornadas Luso-Espanholas de Engenharia Electrotécnica (participação que referi, honrosamente, no meu discurso de abertura). A crítica chegou acintosa, vincada pelo reconhecimento da evidência ao longo de muito tempo (a independência de Moçambique atravessa um quarto de século). A reflexão repetida e sempre com as mesmas conclusões torna-nos impulsivos sem querer, dá-nos a força da afirmação sem negaças, concede-nos a autoridade própria dos convictos.

Os cabelos grisalhos do Eng. Telles, bem irmanados com os da sua bela e elegante mulher (mais serena, aparentemente dentro do autêntico espírito da companheira que compreende e tolera), davam-me o sinal da ingratidão das gerações tardias. Que desconhecem. E nada recordam.

"Em Moçambique permanece uma meia-dúzia de engenheiros portugueses", quando dantes eram centenas. E tanto fazem, sozinhos. Porque é preciso reconstituir o país. Há muito por fazer. Está tudo por fazer. Quem quizer, chega, vê e vence. De certeza. Porque foi assim que me aconteceu em Angola, quando lá cheguei, em 1977, para construir uma universidade onde não havia outra.

Em Lourenço Marques (era assim que se designava Maputo) só estive três escassos dias, de passagem para a África do Sul, em demanda (inútil) de um lugar para fazer o doutoramento, na companhia do Eng. Henrique Telles Antunes (também docente na Universidade de Luanda, como eu). Não cheguei a aperceber-me dos encantos moçambicanos, até porque estava enfeitiçado pelos deslumbramentos angolanos. Tinha bebido a água do Bengo, e portanto (era o que diziam) não poderia deixar de suspirar pelas maravilhas da costa ocidental, desde a baía de Luanda às terras do fim do mundo.

Está a ver, Eng. José Telles, está a ver? Foi como lhe disse: quando começo a escrever sobre África não saio de Angola. Porque daí sinto (senti) a força da Natureza, reconheço (conheci) a potencialidade da vida, pressinto (pressenti) a realização de obras grandes, mesmo muito grandes. Ah, esta memória ("Angola grande" era o slogan, projectado nos ecrãs das cine-esplanadas e retirado de um

enorme projecto técnico-económico de desenvolvimento banhado por inocência política).

Assim, resta-me dizer-lhe, outra vez, para que escreva e nos envie as suas notas acerca do que se desenvolve em Moçambique. Convença os colegas presentes nessa costa oriental de África para que também escrevam e nos digam como se projecta a reconstrução de um país, como é que a Engenharia Electrotécnica contribui hoje para ligar aos moçambicanos as infra-estruturas do seu futuro.

Por mim, desconhecedor perfeito (ainda que ávido de uma vivência enriquecedora, numa oportunidade que nunca surge) mais não posso fazer que apontar um ou outro pormenor recolhido aqui ou ali. É o caso do entusiasmo que observei no Prof. António Carriso, jubilado do Instituto Superior Técnico e que foi a Luanda proferir uma palestra sobre o empreendimento de Cabora Bassa, no ano de 1978, quando se encontrava a participar no projecto da Hidrotécnica, em Lisboa. No fim da carreira profissional, este era o projecto da sua vida.

A grandiosidade da barragem e a dimensão das linhas de transporte da energia eléctrica em corrente contínua a alta tensão davam a Cabora Bassa um atractivo tecnológico irresistível para qualquer engenheiro electrotécnico, e muito mais para um catedrático de máquinas eléctricas já sem cátedra. Eu próprio ocupava algum tempo das aulas que dava em Luanda a informar sobre esses avanços tecnológicos em implementação no território de Moçambique.

Mas havia o terrível (sempre inconsistente) factor político a

desmantelar aquele projecto técnico, entregando-o aos desmandos guerrilheiros, tornando a obra de engenharia num sorvedouro de capitais. Com a independência veio a reconstrução. E com ela o desenvolvimento. Também o desenvolvimento económico. Talvez isso crie a possibilidade de eu ir à Universidade moçambicana dizer do pouco que sei.

Actualmente, as notícias sobre Cahora Bassa (pois assim se passou a denominar) correm céleres a anunciar o aumento da construção da central Norte, que no projecto inicial deveria duplicar a potência instalada, através de mais quatro ou cinco geradores. Assim, os actuais 2075 MW podem passar para cerca de 4000 MW. Inicialmente, as galerias da nova central na margem Norte do rio Zambeze começaram a ser abertas, mas foram seladas por razões de segurança. Agora, exigem-se estudos de impacto, que devem estar concluídos no fim deste ano. Na presente situação há cinco grupos turbina-gerador em operação simultânea na central hidroeléctrica da margem Sul do rio, destinando-se 412 MW a abastecer o Zimbabwe e 1234 MW a fornecer à África do Sul, em consequência da conversão de energia da água, numa galeria com 220 m de comprimento, 57 m de largura e a queda de uma altura de 29 m.

Afinal, meu caro Eng. Telles, acabei por dizer alguma coisa acerca da terra que tanto ama. E do trabalho aí desenvolvido. Apenas História? Não creio. As obras que se fazem é que fazem os Homens. Onde quer que seja. E, por isso, em Moçambique também. **E**